

Percepção do setor: O que está provocando as ações a respeito das mudanças climáticas nas maiores companhias do mundo?

As empresas enfrentam cada vez mais riscos climáticos e choques políticos. Como as companhias constroem e demonstram sua resiliência aos mesmos, os riscos climáticos têm implicações importantes para a sua reputação com os seus stakeholders e para o valor de seus negócios. É por estas razões que 722 investidores representando 87 trilhões de ativos solicitaram, este ano, que as 500 maiores companhias ranqueadas medissem e relatassem o que a mudança climática significa para o seu negócio através do programa de mudança climática do CDP, na sigla em inglês (Programa de Divulgação do Clima).

Este ano (2013), 81% (403) das empresas do Global 500 participaram da pesquisa. Demonstrando compreensão social da necessidade pela transparência sobre o clima, a qualidade das informações fornecidas pelas empresas tem melhorado continuamente. Para garantir uma posição no Índice de Liderança em Transparência Climática (CDLI, na sigla em inglês), as empresas devem atingir uma pontuação de transparência entre as 10% primeiras da Amostra Global 500. A pontuação mínima para entrar no ranking subiu 97% (acima de 94% em 2012 e 90% em 2011). O número de líderes de desempenho que demonstraram uma forte abordagem em estratégia climática e na redução das emissões em suas respostas ao CDP tem aumentado desde o ano passado. Isso destaca o quão sério as empresas tratam seus relatórios de carbono e que esta informação se traduz cada vez mais em ação.

O relatório foi escrito para empresas, investidores e decisores políticos que queiram entender os riscos relacionados às mudanças climáticas e as oportunidades que enfrentam os negócios. Ele avalia como dez setores importantes estão abordando esses desafios e provocando vantagens competitivas a partir dos mesmos. Ele analisa como os mercados em crescimento para os produtos e serviços estão impactando as respostas das empresas as mudanças climáticas. Ele também descreve as tendências observadas em empresas que estão relatando barreiras para as ações.

O relatório deste ano apresenta uma análise setorial. No entanto, três principais conclusões aplicam-se em toda a Amostra Global 500:

- **Grandes emissores não estão fazendo o suficiente para reduzir as emissões:**
O escopo total 1 e 2 das emissões não mudaram significativamente nos últimos cinco anos. Os 50 maiores emissores aumentaram as suas emissões desde 2009.

- **As empresas ainda estão para relatar as emissões das partes mais relevantes de suas cadeias de valor:** O relatório atual do escopo indireto 3 das emissões não revelam o impacto total das cadeias de valor das empresas.
- **Dinheiro é um diferencial: incentivos financeiros estão levando a redução das emissões:** Recompensas monetárias para os funcionários, particularmente no nível da diretoria, são poderosos catalisadores de ação climática.

1) Grandes emissores não estão fazendo o suficiente para reduzir as emissões

O total do escopo 1 e 2 das emissões da Global 500 têm caído de forma constante de 4,2 bilhões de toneladas métricas de CO₂ em 2009 para 3,6 bilhões de toneladas métricas de CO₂ em 2013. No entanto, o escopo 1 e 2 das emissões dos 50 maiores emissores, que difundiram 73% das emissões totais em 2013, aumentaram 1,65% desde 2009. Os cinco maiores emissores de cada setor também tiveram suas emissões de escopo 1 e 2 aumentarem em uma média de 2,3% desde 2009. Isto sugere que os maiores emissores, que têm o maior impacto sobre as emissões globais e assim apresentam a maior oportunidade para mudança em grande escala, precisam fazer mais para reduzir suas emissões. Os formuladores de políticas podem ajudar a acelerar a mudança necessária, aumentando os incentivos.

A diferença na direção da mudança entre a Amostra global 500 e os maiores emissores pode a certa medida ser explicada por uma modificação do número e da composição das empresas no Global 500 desde 2009. No entanto, as maiores emissões permanecem globalmente significativas.

Energia, serviços públicos e empresas de materiais, por exemplo, representam menos de um quarto do total da Global 500, mas são responsáveis por mais de três quartos (87%) das emissões de CO₂ de escopo 1. A proporção de empresas desses setores de grande emissão caiu de 26% em 2009 para 23% hoje. Tendo a proporção mantida constante, as emissões de 2013 teriam sido significativamente maior. De fato, as emissões de cada um desses setores de escopo 1 e 2 são, individualmente, mais que o dobro do alcance combinado das emissões de escopo 1 e 2 de todos os outros setores. A queda das emissões do escopo 1 e 2 somente das empresas de serviços públicos desde o ano passado é equivalente a mais do que as emissões dos escopos 1 e 2 de cuidados com a saúde, consumo discricionário, serviços de telecomunicações, TI e finanças.

Este ano, a maioria das empresas do Global 500 relataram metas de redução de emissões (84%) e resultados de reduções de emissões (75%) em algumas áreas do seu negócio. No entanto, com um aumento desde 2009 nas emissões de escopo 1 e 2 para os maiores emissores de todo o Global 500 e em cada setor, há uma disparidade entre as estratégias das empresas, as metas e as reduções de emissões que são necessários para limitar o aquecimento global a 2 C°.

2) As empresas ainda estão para relatar as emissões das partes mais relevantes de suas cadeias de valor

A maioria das empresas (97%) divulgam as emissões de CO₂ de escopo 1 e 2 de suas operações. No entanto, enquanto as empresas são capazes de identificar o maior número de atividades intensivas de carbono de suas cadeias de valor, as emissões de quase metade (47%) destas atividades estão para ser quantificadas.

Em vez de medir as atividades intensivas de carbono em suas cadeias de valor, as empresas costumam se concentrar em oportunidades relativamente insignificantes para a redução de carbono. A Figura 3 mostra a disparidade na proporção de empresas que relatam os diferentes tipos das atividades de escopo 3 e o alcance real das emissões de escopo 3 comunicadas para cada uma dessas atividades. Enquanto “uso de produtos vendidos” é relatado por 45% das empresas, corresponde a 76% das emissões reportadas de escopo 3. Enquanto isso, 72% das empresas relatam as emissões de viagens de negócios, o que representa apenas 0,2 % do total de emissões de escopo 3 relatados.

A importância das diferentes categorias no escopo 3 varia entre os setores. No entanto, as empresas nem sempre relatam as suas principais fontes de emissão de escopo 3. Por exemplo, enquanto 83% das empresas financeiras reportam emissões associadas com as viagens de negócios, apenas 6% deles relatam as emissões a partir de sua atividade de investimento, onde a maioria significativa de seu escopo 3 se origina. Da mesma forma, apenas 22% dos industriais reportam as emissões resultantes da utilização dos produtos vendidos, que é de onde vem à maioria de suas emissões de escopo 3.

No geral, isso sugere que o atual relatório do escopo 3 não reflita o impacto das atividades das empresas, e podem induzir ao erro quanto ao impacto total de carbono de uma empresa.

3) Dinheiro é um diferencial: incentivos financeiros estão levando a redução das emissões

Recompensas monetárias para os funcionários são ferramentas poderosas para conduzir a ação climática. A Figura 4 mostra que as empresas com recompensas monetárias são mais propensas a atingir reduções de emissões absolutas.

Com exceção do setor de energia, as empresas que reportaram recompensas monetárias ligadas à redução de energia ou de emissões são mais propensas a relatar reduções. Cerca de 85% das empresas que fornecem incentivos monetários para a diretoria, equipe executiva ou todos os funcionários, reportou redução das emissões no último ano. Em comparação, apenas 67% das outras empresas relataram reduções nas emissões.

4) Outras descobertas do Global 500

As empresas acham mais fácil quantificar os riscos, ao invés de oportunidades

As empresas do Global 500 identificam uma série de riscos e oportunidades. No entanto, elas são mais propensas a quantificar e monetizar o impacto dos riscos do que oportunidades: 54% das empresas quantificaram pelo menos um risco, enquanto apenas 41% quantificaram pelo menos uma oportunidade. As empresas tendem a concentrar-se sobre os riscos concretos em áreas como os impostos de carbono ou os preços de energia, ao passo que os benefícios de oportunidades relacionados ao clima são, muitas vezes, menos tangíveis, tais como a mudança de comportamento do consumidor. As empresas são, conseqüentemente, menos propensas a quantificar os impactos destas oportunidades. Isso sugere que as empresas podem estar perdendo alguns riscos e oportunidades significativos porque os métodos de avaliação não estão disponíveis.

As grandes categorias de risco climático relatados são: regulação (84%), os impactos físicos (83%), e outros riscos relacionados, tais como reputação (77%). Dentro destes, a reputação, as mudanças na precipitação, esquemas de “limitação e comércio” e impostos de carbono são mencionados por 51%, 43%, 42% e 39% das empresas respectivamente. As oportunidades relacionadas com o clima mais citadas pelas empresas da Global 500 são a mudança de comportamento menos tangíveis do consumidor (53%) e reputação (51%).

Prazos de retorno longos mais vinculados à vantagem estratégica

Ao considerar os investimentos de capital em atividades de redução de emissões, as empresas podem enfrentar desafios para justificar os investimentos com períodos de retorno mais longos (três anos ou mais). No entanto, as empresas que estão fazendo investimentos de longo prazo para reduzir suas emissões são mais propensas a relatar que sua estratégia de mudança climática lhes proporciona uma vantagem estratégica sobre concorrentes. Um montante de 77% das empresas com pelo menos um investimento com um tempo de retorno de três anos ou mais constataram que suas estratégias climáticas lhes dão uma vantagem competitiva (65% em 2012). Das empresas que não têm investimentos de longo prazo na redução de emissões, apenas 54% reportaram uma vantagem estratégica em resposta a mudança climática (2012:58%).

Aumento das emissões verificadas independente garante a qualidade dos dados

Cerca de 71% das empresas responderam que verificaram suas emissões em 2013: um aumento de 29% em relação a 2012 e quase o dobro do percentual em 2011. Os investidores e acionistas, sempre exigiram precisão nas informações financeiras de uma empresa. Cada vez mais eles estão exigindo precisão nas informações não

financeiras também. Esta tendência positiva deve aumentar a confiança nos dados e, portanto, o seu uso.

Este é um resumo disponibilizado pela Superintendência de Relações com o Mercado da CNseg. O arquivo original pode ser encontrado em:

http://www.pwc.com/mu/en/pressroom/assets/g500_2013_report_embargoed_500bst_12_september_2013.pdf

